

Resumo

O presente ensaio tece algumas considerações acerca do modo como a adesão a determinados comportamentos éticos propostos na terapia espírita funda-se no desenvolvimento de certas sensibilidades bem específicas. Trata-se de explorar a multiplicidade de agências envolvidas na produção de um corpo que vai adquirindo novas habilidades para enfrentar as instabilidades e tensões vividas no cotidiano.

Palavras chave: terapia espírita, técnicas corporais.

Abstract

This paper presents some considerations about how adherence to certain ethical behaviors proposed in spiritist therapy is based on the development of certain specific sensitivities. It is exploring the multiplicity of agencies involved in the production of a body that will acquire new skills to cope with the tensions and instabilities experienced in everyday life.

Keywords: Spiritist therapy, body techniques.

Introdução

Neste artigo propomos percorrer, no processo de adesão religiosa espírita,³ o desenvolvimento de certas sensibilidades produzidas ao longo de eventos e rituais. Pretendemos considerar posturas, gestos, atitudes que se concretizam em práticas corporais religiosas e que fazem acontecer mudanças relacionais. É nossa ambição investigar o corpo como lócus ideal para catalisar agenciamentos múltiplos. No caso etnográfico considerado, é possível enxergar entidades mais ou menos personificadas (vibrações de espíritos, energias etc.) que emergem por meio de sensibilidades. O corpo, promovido a mediador de relações (JACKSON, 1989 apud INGOLD, 2000, p. 170), desenvolve novas habilidades, sejam elas éticas, terapêuticas, sejam de cunho mais ritualístico e simbólico. A seguir apresentaremos o corpo sensibilizado e “normalizado” – moral e emocionalmente – de um adepto de centro espírita.

¹ Doutora em Antropologia pela Universidade de Montreal. Bolsista CAPES/PRODOC, PPGA-UFBA. Pesquisadora do Núcleo de Antropologia da UFBA, *Encruzilhada de Saberes: Cultura, Corpo e Ambiente*.

² Doutora em Ciências Sociais pelo PPGCS-UFBA. Professora adjunta do ISC-UFBA. Pesquisadora do ECSAS-UFBA.

³ A etnografia se realizou em Salvador-BA. Sobre espiritismo no espaço religioso brasileiro, ver Giumbelli (2008).

O corpo habilitado dos espíritas: controlando as emoções

Na óptica do espiritismo, o indivíduo é responsável pela própria reforma íntima e pelo preparo ético, sendo o controle sobre comportamentos e emoções extremamente valorizado. A vida cotidiana deve ser guiada por esse ideal de domínio sobre si, optando-se por uma atitude equilibrada e serena. O descontrole emocional (agressividade, nervosismo, desejos descontrolados) deve ceder lugar à calma e à compreensão. O processo de formação espírita está ligado a esse monitoramento das emoções, com permanente avaliação das atitudes, sendo a busca pela evolução espiritual resultante do direcionamento da própria vida segundo os parâmetros da doutrina. Essas novas formas de controle vão acontecendo no curso de eventos concretos, nos quais apreende-se a desenvolver certas habilidades bem específicas. A incorporação do *ethos* espírita implica um engajamento multissensorial que comporta a adoção de um novo modo de se relacionar com os outros e com os problemas existenciais.

O próprio ambiente do centro espírita chama a atenção pela evocação e incitação ao controle: o tom de voz é baixo, e a maneira de falar das pessoas expressa certa compassividade. A ambientação interna proporciona um clima de serenidade sugerido pelos temas dos quadros que, em geral, decoram as paredes (paisagens da natureza como florestas, cachoeiras etc.), pela música suave e pela iluminação difusa. A própria postura compreensiva, atenciosa, tolerante dos terapeutas e frequentadores, a fala pausada dão o tom do lugar.

Desde quando se tornou espírita, Matilde⁴, sofredora de depressões cíclicas, tenta evitar comportamentos e pensamentos negativos, para impedir a sintonia com vibrações energéticas ruins e, desse modo, se proteger dos espíritos inferiores. Matilde sente que necessita assumir um compromisso com a própria evolução ética, e isso significa evitar intolerância, raiva, rancor, agressividade, angústia, tristeza, isto é, emoções e atitudes que favorecem a aproximação dos campos energéticos negativos. A intenção é tornar o corpo invulnerável à aproximação de espíritos perversos, capazes de desestruturar a vida e gerar sofrimento. Vários sentimentos vivenciados por Matilde, como revolta, tristeza, serenidade, dor ou calma, são percebidos como a manifestação de uma sintonização com faixas vibratórias que a conectam com espíritos mais ou menos evoluídos. O corpo é assim interligado, através das emoções, a um campo magnético invisível, capaz de mudar as condições de vida da pessoa.

Enquanto toda conduta cotidiana deve ser pautada por controle e responsabilidade, na sessão onde se afastam os espíritos ruins o descontrole é tolerado, pois vem dos espíritos inferiores que precisam ser educados. O plano espiritual é pensado como uma arena de ação de energias e espíritos em continuidade potencial com o corpo do adepto, o qual participa de um campo vibratório comum, sendo que suas posturas e emoções podem desdobrar-se e despersonalizar-se nas manifestações de embate com outras agências. O descontrole emocional mostra a possessão corporal alheia, isto é, uma alienação negativa. O senso de responsabilidade e controle

⁴ Nome atribuído a uma das pessoas cuja trajetória terapêutica foi acompanhada durante a pesquisa.

consegue, por contraste, fechar o corpo físico. Nos adeptos do espiritismo, o corpo proporciona o lócus para a realização do desenvolvimento ético, que produz, por sua vez, um corpo físico invulnerável. O corpo é, portanto, o mediador sempre implícito das condições de vida vivenciadas.

Nos momentos de tristeza, Matilde luta contra as emoções “interditadas”. Acredita na importância das sessões dos rituais terapêuticos espíritas, mas sabe também o quanto é fundamental perseguir uma atitude pautada nas orientações religiosas. Embutida em tal interdição de expressar excessivamente as emoções, encontra-se a noção de um ‘eu’ demarcado, impermeável às influências físicas alheias, sob o comando de uma vontade e da razão. Esta demarcação do corpo do adepto não é dada, mas sempre adquirida por meio de um comportamento prescrito, que desenvolve um controle indireto, isto é, uma barreira contra as influências negativas. É no corpo energético, “sutil”, protegido de vibrações negativas por meio do controle emocional, que emerge, portanto, uma das particularidades da agência religiosa do adepto ao espiritismo. A consideração de um determinismo energético obriga a cuidar das emoções, cuidando ao mesmo tempo de um corpo invisível e “sutil” envolvido num campo vibratório indeterminado.

A terapia espírita no cotidiano: prescrições éticas para fechar o corpo

Desde quando iniciou tratamentos espíritas, a noção de energia passou a ser algo muito presente na existência de Matilde. Sensações de leveza, tranquilidade e sentimentos de serenidade são perseguidos como condição para entrar em sintonia com energias positivas do campo vibratório. Num fluxo contínuo de vibrações, é preciso manter uma postura calma, evitando pensamentos e comportamentos ruins, para afastar espíritos inferiores e a consequente perda de energia (a energia é percebida como “sugada”).

A aproximação de espíritos obsessores é intuída como energia negativa que invade e faz perder a vontade de realizar as atividades cotidianas. É algo que exige uma atenção permanente e uma reação de defesa imediata. A maneira de incorporar os ideais espíritas envolve, de fato, certas habilidades emocionais e comportamentais:

[...] Quando eu fico assim sem vontade de ir no centro, isso é um sinal de uma crise se aproximando. A semana passada aconteceu isso, mas como eu já sei que não posso me entregar, eu me levantei e fui pra o centro sem tomar banho mesmo. Quando eu cheguei lá na sessão de desobsessão, eu tava tão carregada! O negócio tava brabo mesmo naquele dia! Eu tava com um espírito encostado em mim, e ele se manifestou lá de um jeito que eu fiquei descontrolada, todo mundo ficava me pedindo pra eu me controlar, e eu não conseguia, o espírito tava furioso, ele xingava, gritava, se debatia ... até que o médium conseguiu tirar ele de mim e incorporar ele pra ser doutrinado, aí eu me acalmei e chorei tanto! As pessoas acharam que eu tava chorando de vergonha, mas não era não, era de alívio. Realmente quando eu comecei a não sentir vontade de ir ao centro, já era o espírito que tinha encostado em mim. Isso porque eu abri sintonia, [...]

Novas possibilidades de enfrentamento do sofrimento e dimensões da vida antes desconhecidas são incorporadas pelos adeptos. No cotidiano, toda uma nova maneira de agir passa por um processo que envolve corpo, emoções e multissensorialidade. O ambiente de quase penumbra e a música suave da sala de passe, somados à ênfase na postura tranqüila, contribuem para a aquisição de uma habilidade terapêutica no contexto

espírita. É na interação entre o que é proposto pelos terapeutas do centro e as vivências cotidianas que as competências adquiridas por Matilde se desenvolvem como sensibilidades de autoajuda.

Estas sensibilidades se originam na atenção contínua aos atos, sendo o agir ético paradoxalmente envolvido numa eficácia de tipo ritual. Vimos que no espiritismo a aprendizagem passa pela aquisição da habilidade de atrair energias positivas e evitar aquelas negativas. Esse conhecimento não é unicamente transmitido, mas retomado e refeito nas situações que se articulam segundo contextos pragmáticos que intercalam instruções éticas a providências *lato sensu* rituais, isto é, de cunho simbólico e profilático. De fato, as ações do adepto se encontram a meio caminho entre uma postura ético-religiosa e uma eficácia ritualística, fundamentadas em uma prática terapêutica (o controle das emoções e das atitudes negativas).

A prática terapêutica pode ser vista como um modo particular “de fazer emergir as condições da mudança relacional” (HOUSEMAN, 2003:298). As novas atitudes de Matilde transformam positivamente o seu mundo relacional (com colegas, familiares, amigos etc.). Porém, a cura, que evoca procedimentos de cunho emocional, é englobada num contexto religioso. O espaço de cura espírita encontra-se a meio termo entre clínica e templo, desdobrado em exigências de uma “teologia moral” que diferencia o bem do mal, e exigências de ordem ritual, associadas ao relacionamento com os espíritos.

As instruções entregues a Matilde são duplamente eficazes: evitam objetivamente atrair más influências e constroem um bem-estar. De certo modo, a terapia, gancheada às prescrições comportamentais, produz um “sentir” conseqüente ao “agir”. Com efeito, comportamentos de tipo ético atingem resultados terapêuticos que evocam um tipo de eficácia ritual – o fechamento do corpo.

Podemos postular que o centro espírita funciona, para Matilde como para outros adeptos, segundo um processo terapêutico que chama para a execução de atos e para transformações eficazes⁵. A transformação vivenciada no espiritismo envolve comportamentos que não se esgotam no contexto da interação comum, referem-se também a ações para zelar do corpo, por meio do controle do agir dos espíritos ruins e das suas vibrações negativas. O tratamento promove um engajamento corporal do adepto a partir de um contexto terapêutico *sui generis*, ético e ritualístico ao mesmo tempo.

Considerações finais

Na sessão terapêutica, o controle dos espíritos ruins se faz por meio da descorporização do espírito do corpo do possuído. Esse controle deve ser preservado no cotidiano. Na interface contínua entre o adepto e as vibrações, devem-se evitar os perigos de sintonizações ruins. A adesão às regras acontece via o

⁵ Lembramos que, como indica Houseman, certas terapias são articuladas a condições pragmáticas do rito: “O cliente encontra-se, assim, em situação semelhante àquela do rito, na medida em que, como no rito, não são os atos que procedem das suas disposições privadas, mas, antes, as disposições privadas é que emergem em função dos atos que sua participação na terapia impõe realizar.” (HOUSEMAN, 2003:307)

desenvolvimento de uma sensibilidade capaz de intuir e logo bloquear incorporações indesejáveis. Essa forma de controle emocional tem efeito sobre o corpo energético que se torna invulnerável (fechado). No espiritismo, de certa forma, a atitude ética funda-se em uma técnica corporal (MAUSS, 1974), promotora de uma sensibilidade que garante bem-estar e age segundo eficácia ritual, a partir do momento em que os comportamentos prescritos são sentidos como produtores da invulnerabilidade.

No corpo a coerência não é auto-evidente, mas permanentemente perseguida: o corpo não é nem um todo nem uma série de fragmentos. Ele abriga uma complexa configuração de tensões e conflitos que precisam ser enfrentados para garantir a unidade. Manter alguém integrado é algo que exige um trabalho, e quem falha em fazer isso morre, explica Mol (2002:15-16). Ao promover um deslocamento do foco de estudos dos sistemas de significados para as práticas, a teoria de Mol apresenta uma boa alternativa de superação das tradicionais dicotomias, na medida em que considera não haver totalidades formadas a priori, mas perseguidas em contextos pragmáticos de ação.

Não há reflexão independente do que se faz, ou seja, agir, ser afetado, pensar e sentir caminham juntos nos processos de adoecimento e tratamento terapêutico de cunho clínico ou religioso. Na situação de sofrimento vivenciada por Matilde, é possível perceber o grande empenho em manter a vida dentro dos parâmetros de normalidade, o corpo devendo permanecer íntegro. Ele é, no entanto, cheio de tensões: entre manter o controle e ser instável, entre as exigências de negociar com os sentimentos de tristeza e outras demandas ou desejos, entre se entregar à morte ou seguir lutando para manter-se vivo. No dia a dia prático, essas tensões são atuadas em diversos contextos de ação onde não são os sujeitos humanos que soberanamente ordenam, manipulam e atribuem sentido a objetos inertes, pois uma multiplicidade de agentes podem ser identificados como definidores dos cursos de ação.

Referências

- GIUMBELLI, Emerson. “A Presença do Religioso no Espaço Público: Modalidades no Brasil”. *Religião & Sociedade*, v. 28(2), p. 80-101, 2008.
- HOUSEMAN, Michael. “Vers un modèle anthropologique de la pratique psychothérapeutique”. *Thérapie Familiale*. Genève, vol. 24, n. 3, pp. 289-312, 2003.
- INGOLD, Timothy. *The perception of the environment: essays in livelihood, dealing and skill*. London; New York: Routledge, 2000.
- MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais*. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- MOL, Annemarie. *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham; London: Duke: University Press, 2002.

